

ANCP 10

19 OUT 1987

JORNAL DA TARDE

Constituinte

Formas de apoiar, de reformar e de grampear.



Freitas Nobre

Sábado e domingo dividiam-se em Brasília os temas da conversa de fim de semana que movimentava o clube do Congresso, na área rural, onde os gaúchos preparam o churrasco e o regam com goles comunitários de chimarrão, enquanto os nordestinos esquentam a carne seca, o feijão de corda e a manteiga de garrafa: o grampeamento dos telefones, a reforma ministerial e a reunião dos governadores.

Alguns parlamentares haviam mantido constantes contatos telefônicos com colegas que acompanharam Sarney à Venezuela e podiam segredar impressões sobre os encontros de trabalho promovidos pelo presidente em Caracas.

Sabe-se, mesmo, que alguns decretos vieram prontos para divulgação.

E, para que políticos e partidos não se choquem com as providências a serem adotadas, o presidente acertou com o ministro Leônidas Pires Gonçalves a extinção de três setores militares que têm estruturas ministeriais e que, sendo incorporados a outros departamentos ou secretarias, representarão expressiva redução de gastos. Esses setores que têm nível de ministério são o SNI, o EMFA e o Gabinete Militar da Presidência da República, órgãos que podem sobreviver sem as mordomias ministeriais, caracterizando o sentido geral da reforma política e administrativa.

Partindo desse enrugamento na área militar, o presidente Sarney faz, ao mesmo tempo, a redução dos ministérios civis, visando dois objetivos: o primeiro, a substituição de alguns ministros peemedebistas, cujo afastamento poderia provocar uma crise política, mas que, sendo consequência da reforma geral, será considerada medida administrativa. As absorções e extinções devem corresponder à especulação da imprensa nos últimos dias, com algumas modificações de última hora consequentes de acordos com os governadores.

De outra parte, a movimentação política de Brasília, neste fim de semana, concentrou-se na reunião dos governadores no Rio de Janeiro. Eles acertaram na mosca quanto aos objetivos de Sarney.

Os chefes de executivos estaduais foram partidários ao dizer que não assinavam o documento de Sarney, mas foram solidários

com o presidente ao adotar as duas teses polêmicas em documento por eles emitido.

Assim, deram uma no cravo, outra na ferradura.

Ulysses, da casa triplex do ministro Renato Archer, no morro de Santa Tereza, acompanhava os passos dos governadores, avisado constantemente da progressão dos entendimentos e dos debates.

O que Ulysses queria é que os governadores não discrepassem da decisão da Executiva Nacional que condenou a assinatura no compromisso. Mais atualizados na astúcia, os governadores cumpriram a decisão partidária, mas escolheram uma saída estratégica, assinando um documento de absoluta solidariedade aos dois pontos essenciais, para o presidente — o mandato e o sistema de governo. Sarney não deseja outra coisa, até porque o restante do seu compromisso é apenas a roupagem que disfarça seu real conteúdo.

Ulysses ficou satisfeito porque os governadores cumpriram a decisão da Executiva.

Sarney ficou ainda mais feliz, porque todos os governadores, com exceção de Fernando Collor, concordaram com as reivindicações do presidente. Quem esboçou uma certa reação foi o governador Miguel Arraes, mas que acabou convencido por Pedro Simon.

Os governadores sabem que não têm controle majoritário das bancadas com relação aos dois temas, porém reconhecem que podem influir, inclusive manejando suplentes e restituindo ao Congresso os titulares que atualmente ocupam secretarias de Estado e que poderiam, à maneira de como ocorria na ditadura, ir a Brasília para votar, retornando ao posto, em seguida.

Mas as conversas telefônicas, não apenas as internacionais via satélite que são naturalmente gravadas, como igualmente as nacionais que não perderam as características do período anterior, eram sempre cautelosas e dizem que sequer os governadores, no Rio de Janeiro, escaparam desses cuidados.

Houve quem lembrasse a advertência de Tancredo sobre o grampeamento dos telefones e a insistência com Ulysses que fazia uma ligação de Teresina, no Piauí, para o palácio do governo em Belo Horizonte, com perguntas inconvenientes sobre movimento de

militares: "Ulysses, põe um calção e vai para a praia; aproveita, aproveita o tempo". Só depois de algumas repetições do conselho é que Ulysses atentou para o fato de que em Teresina não existe praia.

O assunto foi aprofundado nas conversas de fim de semana, lembrando-se a entrevista de Golbery confirmando o grampeamento, exatamente o general que havia sofisticado a estrutura militar do governo que agora Sarney, em perfeito acordo com o ministro do Exército, procura simplificar.

Os constituintes citam nome e casos diversos, do passado e do presente.

Lembram os telefones grampeados nos hotéis e que, às vezes, por deficiência da rede de fios, acabavam permitindo troca de interlocutores com os moderados da época, falando com oficiais do SNI, enquanto os autênticos eram acordados pela madrugada (algumas vezes pelo então deputado Osvaldo Lima, PMDB - RJ) para ouvir, em razão de defeitos de grampeamento, as conversas reservadas mantidas entre parlamentares do chamado "sisteminha" que era o grupo dos deputados comprometidos com a ditadura, mas que permaneciam no MDB, fazendo o jogo do governo militar.

Entre os fatos novos, levados inclusive à tribuna da Constituinte nestes últimos dias, citava-se o grampeamento do telefone do senador Mário Covas que tem sido obrigado a usar os orelhões de rua para evitar os gravadores inconvenientes.

Mas um parlamentar governista observava em um dos grupos, ontem: "Se o Covas vai falar no orelhão para evitar o risco de grampeamento, é porque deve ter alguma coisa mais séria a dizer ou a ouvir"...

O curioso é que um parlamentar emedebista que na época da ditadura foi surpreendido num desvio de grampeamento do hotel, falando com um oficial de segurança, acabou sendo de extrema utilidade para as informações do líder da oposição. Toda vez que corriam notícias sobre cassações, o líder o chamava ao gabinete e pedia que ele telefonasse ao coronel com o qual fora surpreendido durante o conversa de madrugada.

E a resposta vinha rápida e direta, atendendo ao pedido:

— Coronel, dizem que hoje vêm mais cassações. É certo?

— Não, Zé, hoje não!